

Da vida social portuguesa

Boletim Semanal

As condições da vida portuguesa contemporânea são fundamentalmente dispersivas, pela acção dissolvente do meio e pela propaganda contínua contra aquilo a que podemos chamar com lógica «a nossa atitude nacional». Não agindo por nós e sofrendo sempre o reflexo de ideias dominantes ou de factos orientadores, o meio português é um campo experimental péssimo pelas condições de adaptação e de deletéria continuidade.

Se quizermos fazer uma rápida análise aos caracteres mais definidos da nossa vida contemporânea, encontramos logo no campo social um mau sintoma, a anulação completa das *élites*. As *élites* foram sempre o espirito estratégico das sociedades perfeitas, pois que elas são o mais completo e formal sentido de ordem social. Mercê de circunstancias económicas encontramos no meio português uma quási anarquia de condições representativas, raros, raríssimos sendo aqueles que reagindo por si conseguem manter na sociedade uma independencia suficientemente orgulhosa, onde as suas condições sociais se impõem. A baixa burguezia, o comércio, a industria, mesclados e participando em negócios com a aristocracia e com o povo, amalgamaram e inutilizaram o sentido hierárquico da sociedade portuguesa. Económicamente sofremos como todos os povos europeus, uma oscilação contínua nas condições de vida económica. Politicamente, a luta de pessoalismos continua a inutilizar a luta politica de ideias e programas partidários, e esse sentido da pulverização dos partidos e dos elementos de valor politico, vem deste diptico que, perante a

lógica, definiu e define de outra maneira o sentido social da politica—referimo-nos á aliança dos politicos com os argentários.

O apozguerra só agora se reflecte cabalmente nas condições da nossa vida social. Perdidos quási todos os sintomas do nosso nacionalismo, postergados os mais altos expoentes da nossa lusitaneidade, quer no campo social quer no artistico, nós tínhamos que chegar ao átrio da mais horrivel das condições nacionais—ao desequilibrio das classes. Mais do que nunca campeia um individualismo feroz, que se sobrepõe aos grupos e aos meios sociais, e d'ahi necessariamente um desequilibrio social quási semelhante a um aspecto oligárquico e a um aspecto ditatorial.

Auscultando, no entanto, a directriz do nosso sentido português, vemos para além do nosso erro presente uma oportunidade de redempção e salvação.

A renascença, agora méramente espirital, dá-se nas aimas e nos espiritos cultos. Como George Valois afirma no seu admirável livro *La reconstruction économique de l'Europe*, «nous ne sommes pas en décadence; nous sommes au seuil d'une renaissance».

Essa renascença tem a sua filiação sobretudo na maneira como os espiritos bem nascidos reagem contra o meio. E na verdade, focando a comédia burlesca da nossa vida contemporanea, qual não é a clara intelligencia, qual não é o alto ou o relativo orgulho mental que não reagem contra a anarquia social e a su balternidade de cultura e de gosto artistico?

A lei económica Gresham,—de que a má moeda expulsa a boa moeda, tem a sua mais completa exemplificação no nosso campo mental. As letras portuguezas, ou mais genericamente, a arte portuguesa oscila entre dois pontos—uma negação de espirito creador que se revela por um culto da fórmula plastica e ritmica e decadentismos sepultados na mentira do século XIX (é interessante vêr o que a este respeito diz Leon Daudet no *Estupido século XIX*)—e um sentido de afirmação nacionalista, quer na linguagem quer nos motivos emocionais e creadores. Nos ultimos mezes, a litera-

tura portuguesa ou desce aos decadentismos mórbidos ou se exalta num alto sentido de afirmação lusitana. Entre estes dois campos há ainda margem a que uma turba multa acéfala e subalterna, dia a dia, semana a semana, encha as montras dos livreiros com a mais completa documentação de incompetencia que é justo esperar. Femininamente a anarquia, então, toma um aspecto de pavôr e toda a neurastenizante scisma das senhoras portuguesas é hoje editada com a complacencia do bulicio do Chiado, dando ao sentido anárquico do meio artistico um aspecto mórbido e mais do que tudo patológico e inquietante.

O espirito creador, entre nos, está quási moribundo. A literatura de ideias, a literatura dignamente chamada portuguesa pelo sentido lusitano que a reveste, raramente surge. E porque succede assim?

O homem de letras, na generalidade o artista português não tem independencia mental e não possui na sociedade a categoria que as condições do seu valor tornam superiores. D'ahi a incompreensão do meio perante o artista, e o artista vivendo ausente do próprio meio, que não o acarinha e comprehende, além de lhe não facultar meios de sobrevivencia material.

Reagindo, lutando por si, nós auscultamos em Portugal, um sentido de lusitaneidade, um alto sintoma de renascença nos espiritos e nas almas. Será essa renascença uma aspiração ideal, ou tem ella razão de ser?

* * *

A maior e a mais alta das dificuldades mentais e morais consiste hoje em saber ser português, independentemente e nobremente português, perante as sugestões do meio e perante a cavalgada duende dos interesses e das vaidades mundanas que avassalaram, por completo, as condições sociais do Paiz. No entanto é justo esperar um sentido de renascença, pois nunca se desbravou tanto terreno no campo da cultura humanista, de estudo folk-lorico, de estudos criticos e de afirmação portuguesa. Dizer-se que Portugal está renascente é um paradoxo elegante? Pelo contrario, do

incendio faúlhante em que se desvairam as más ideias e os homens treloucados, uma tranquillidade há de vir aos espíritos, um socêgo confortante há de nascer para os homens e para o mundo. Até que as condições de futuro se definam é justo, no entanto, reagir contra o que campeia no bulicio da nossa vida contemporânea. Reagir como? Trabalhando para um cada vez mais completo sentido de afirmação.

Isolando-se num alto desejo de afirmação toda a intelligencia frágil se fortifica e reanima, o mesmo fenómeno se dando genericamente nas sociedades doentes ou mórbidas. A vida portuguesa oscila, mais além parece vacilar, reanima-se, enfim, para o nosso exemplo, atravessa um periodo de instabilidade e de infixação. Perante um espirito frágil, a turba-multa das vaidades, dos interesses, a moral do século XX apavora e entristece a intelligencia que confia cegamente no meio para o seu trabalho sereno. O artista, o homem superior tem sempre que lutar com o meio, sendo a luta o seu mais belo triunfo de acção e de energia individuais.

Se um sentido de anarquia social e mental se infiltrou na vida portuguesa confiemos nos exemplos da História e no sentido afirmativo da nossa raça. A sociedade foi sempre produto da vontade dos homens e o illustre professor Leon Duguit concorda neste ponto com as minhas conclusões, afirmando que «a sociedade não existe porque os homens queiram viver em comum, mas sim porque os homens viveram sempre em comum, visto não poderem viver de outro modo».

O maior cautério a aplicar ao organismo—sociedade portuguesa é uma reacção cada vez maior contra a cavalgada dos vicios e contra o predomínio soez dos equalitarismos egoistas; contra um individualismo que nada traduz nas condições da vida moral contemporânea. A's lutas cada vez maiores dos homens e das ideias é licito sobrepôr o interesse de salvação, por isso as conclusões que tiramos do oscilante meio português são o crédito e a certeza absoluta no renascimento espiritual e nacional das nossas condições

de vida. O tufão destruidor, o egoismo que soezmente envaidece e perturba a humanidade, há de passar; e cada vez, cada vez mais a segurança na própria intelligencia e na própria fé serão a garantia absoluta dos destinos da grei.

Não é paradoxo, pois, afirmar que o Portugal decadente de hoje, será, em breve, o Portugal renascente, que nós já auscultamos nos espiritos bem nascidos.

Corrêa da Costa

Dos novos livros

“O Romance de Amadis”, por Affonso Lopes Vieira

Já uma vez o escrevi:—os livros de Afonso Lopes Vieira não se leem, ouvem-se. As suas palavras são vozes postas em ritmo, num ritmo prolongado e estranho que não morre, porque até as vozes mortas e distantes acordam e falam de novo na voz emocionada e quente do Poeta. Afonso Lopes Vieira ouve e entende num buzio marinho, a linguagem marulhenta e salgada do avô Oceano... Como num buzio encantado, nós ouvimos nas suas palavras ritmadas não só a voz do mar, mas também as vozes da paisagem e do povo. E o povo, a paisagem e o mar — dentro do mesmo ritmo de misterio, confundindo as suas vozes numa só voz — debruçam-se e entram nas palavras de Lopes Vieira, cantando a sua dôr e chorando o seu amor — porque nós sabemos gosar a dôr do amor e gostamos de sofrer o amor da dôr. Porque se ouve ouvindo-nos a nós proprios — é que Afonso Lopes Vieira é o nosso maior lirico, e o mais completo — porque põe também nos seus ritmos a voz do mar e da paisagem que nos ensinam a falar...